

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA

GUIOMAR TORREZÃO

2.^a SERIE

LISBOA, 31 DE JULHO DE 1881

NUMERO 35

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

Summario. — *Chronica alegre*, Guiomar Torrezão — *Portalegre*, Visconde de Benalcanfor — *Santos Valente*, Candido de Figueiredo — *Madrid*, exposição de bellas artes, Manlins — *Carteira de um fantasiista*, versos, Francisco Xavier Godo — *Atravez do binoculo*, theatro dos Recreios, Del-fim de Noronha — *A rosa escarlate*, G. Toudouze — *Historia natural de relance*, Os vampiros do verão, Heitor Jorge — *Rumores dos palcos*.

CHRONICA ALEGRE

E lamentava eu a falta de assumpto!

Mas o assumpto suppurava, o assumpto exuberava, o assumpto tem apoplexias de adjectivos e intumescencias plethoricas de vocabulos que gyram no espaço, descrevendo ellipses phantasticas, como as espheras aureas dos malabares trigueiros e herculesos.

E senão veja-se a accumulção de chronicas espirituosas, que se teem multiplicado n'estes ultimos dias assombrosamente!...

A pilheria portugueza, grossa como um tamanco e dura como um javardo, estoura tingindo as taças da Vista Alegre com pinceladas roixo-terra do carrascão genuino.

A gargalhada da troça indigena estala ao sol incandescente como um foguete de arraial.

A phrase desnuda-se, torce-se em cabriolas de polichinelo barato e faz *ped de nez* com uma petulancia garota digna de concorrer com os varinos de pé descalço, que apregôam ganindo o *Diario de Noticias*.

Apparecem no jornalismo barato pseudonyms deliciosamente tolos, que se produzem em phrases profundamente grotescas, de uma sensaboria espirituosissima que arranca lagrimas commovidas.

Os assumptos perfilam-se, como soldadinhos de chumbo, excedem-se a si proprios, como a graça salaia de *Sol-Si*, dobram-se em attitudes submissas, desfazem-se em condescendencias velhacas, teem elasticidades de borracha e argucias de advogado assalariado, concebem factos e dão á luz idéas, tudo para obsequiarem estes felizes!

É por isso que *Sol-Pan* brilha, é sob esse ponto de vista que *Pan-Sol* deslumbra.

Elle é hilariante como um frasco de protoxido de azote, fino como um coral, esperto como uma enguia e bom como um melão.

Simplesmente elle ignora — não se pôde saber tudo! — a influencia que exerce um par de luvas no estylo de um pobre diabo. Elle desconhece o bom senso que dictou a phrase de Hegesippe Moreau: «*comme les gants nous refont un homme.*»

Que *Sol-Si* experimente, dirigindo-se para os devidos effeitos ao *Centro Commercial*, que *Pif-Pan* aproveite, optando, caso prefira, pelo *Baron*, que *Pan-Sol* ou *Sol-Pan* calce umas luvas, depois do que elle ficará sendo um *blagueur* imparavel e completo, digno de uma apothese de escumilha e fogo de bengala, de uma encadernação de chagrin e de uma corôasinta de loiro virente.

Infelizmente, o tratante do assumpto não tem para mim a mesma generosidade munificente e prodiga que fornece duzias de linguados a *Z. Segredo*, que serve *menus opiparos* de factos picantes a *Mafio* que enche de tintas ridentes, de um esmalte audacioso e fuscante, o estylo de *Iriel* e que provoca dyspepsias de letras a *Sol-Si*.

Respiguemos por consequente nos jornaes francezes e arranquemos-lhes uma *nouvelle à la main*, já que a semana lisbonense, guarda só para elles — os felizes! — as suas liberalidades e facundias.

O boulevard dos Capucines presenceou ha dias um episodio delicadamente sentimental como uma pagina de Droz.

Uma mulher de trinta annos, tendo a seu lado um rapazinho de quatro a cinco annos, offerecia flores aos transeuntes. Desgraçadamente, á distracção das pessoas que passeavam indifferentemente,

correspondia a fealdade dos *bouquets* que murchavam, desfolhando-se.

A criança chorava, a mulher empalidecia.

O pequenito afogava as pupillas azues e limpidas, perladas de lagrimas, nos grandes olhos negros e melancolicos da mãe, que revelavam um desalento enorme fundido n'um desespero profundo.

Um inglez passou dando o braço a uma vaporosa *miss* de dez-oito annos, franzina, ondulante e loira como uma espiga de trigo batida pelo vento. Paráram ambos deante da ramelheteira e tentáram escolher um *bouquet*.

Os *bouquets*, porém, estrebuxavam agonisantes, largando as ultimas petalas desbotadas e exhalando o cheiro acre das flores pizadas.

O lord grunhiu um *shoking* guttural, largou os *bouquets*, deu o braço á *miss* e afastou-se.

A ingieza, porém, notára a dôr silenciosa e supplicante da pobre mãe ao frustrar-se-lhe a derradeira esperanza; tirando furtivamente da algibeira um pequenino papel, deixou-o cair nas mãos do rapazinho.

— O que é isto? perguntou a criança, desdobrando uma nota de cincoenta francos.

— Onde achaste esse papel? acudiu a ramalheteira estupefacta.

— Foi aquella senhora, respondeu o rapazinho salvando n'um pulo a distancia que o separava da ingleza.

Esta, dissimulando, repelliu a criança e continuou a andar.

O inglez, parou, ouviu as explicações da ramalheteira e guardou a nota.

A *miss* levantou então para a cara impassivel, flanqueada de suissas côr de açafrão, do pai, um olhar suppl.ce e disse-lhe a meia voz uma phrase mansa e terna como um arrullo de pomba.

O lord, sem alterar a sua imperturbavel gravidade britannica, cadenciado e frio como um sorvete, hirtu como um cypreste, fechou tranquillamente a carteira onde guardára a nota.

Depois, com o mesmo gesto lento e pausado, tirou de uma segunda carteira uma nota de quinhentos francos e entregando-a á ramalheteira disse:

— Minha filha deu-lhe cincoenta francos, attendendo á sua pobreza; eu décuplo a quantia, premiando a sua honestidade.

GUIOMAR TORREZÃO.

PORTALEGRE

As impressões da rua — A mantilha — Edificios — A Sé — O convento de S. Bernardo — O tumulto de D. Jorge de Mello — O passeio — O «croquet» — Os clubs — O oasis na charneca.

Uma phrase, uma palavra pintam ás vezes uma impressão muito melhor do que o fazem os periodos largos, nutridos de emphase, de enargucias e de varios outros condimentos rhetoricos, periodos atochados como uma malla. Portalegre é uma surpresa. Sabiamos que havia por lá fontes, levadas, castanheiros de grandes sombras; mas toda essa paisagem imaginaria, que transportavamos dentro de nós, empallideceu, desbotou ante a magia do esplendido scenario alpes-

tre d'aquella região. As cumiadas das serras recortam-se alli em feitos caprichosos, como os da de Cintra ou da Peninha em Collares. As aguas espadanam pelas rochas em lençõs espumantes, de uma frialdade nevada. As mattas enredam-se pelos mais altos cêrros e os pendores dos montes afofam-se de hervagem humida, orvalhada debaixo da copa dos castanheiros corpulentos, que traçam no solo grandes circulos escuros de sombras — castanheiros folhosos como os que bracejam nos souts dos velhos solares historicos.

Embragados com a perspectiva que se descerrava a nossos olhos: linhas de montes graciosamente boleados ao longe, alcantis tallhados em pyramides de vertentes e inflexões de terreno, mais perto a cidade desdobrando as suas ruas sobre ladeiras declivosas como uma povoação suissa; palacios aprumando suas frontarias armogerasdas em ruas estreitas, a vida matutina de uma cidade tranquilla de provincia a expandir-se nas compras do pão e do leite para o almoço feitas pelas mulheres do povo; aqui um carro de toldo puchado por duas mulas possantes, lustrosas, guiadas por um conductor gordo, de cara rapada como um padre; alli um capellão, cujo barrete de clérigo e loba negra mancham como uma sombra ambulante a luz diffusa, clara da rua, por onde caminha; mais adiante dois rapazes, que nos encaram como um acontecimento e nos vão seguindo, habilitando-se para *cicerones*; além uns estudantes do lyceu, de gorro e batina, alegre nota escolastica, revivescencia jovial do pateo de Coimbra em pleno Alemejo, esquecemos de todo das fatigantes dez horas de caminho de ferro, rematadas por mais duas em diligencia, em que passamos a noite, de olho arregalado.

Reunem-se ás vezes uns congressos taes de catharros e bronchites no compartimento de uma carruagem de 1.^a classe, que é impossivel conciliar o somno. Ao som d'aquellas orquestras nocturnas — que valem furiosos *charivaris* — a espartina é inevitavel. Ora, nós tinhamos tido o infortunio de ser tenazmente perseguidos, durante a viagem, pela confederação de tres catharros: o de dous hespanhoes e o de uma sua compatriota, cujas gargantas e narizes não tiveram um só compasso de espera na solfa de espirros e de pigarros, com que nos aturdiram.

Voltando ás ruas da cidade: continuam a perpassar, apressadas, activas, as mulheres das classes populares, sempre madrugadoras. Em geral, bonitas, olhos rasgados, pestanas ramudas, sobranceiras bem povoadas, cabellos pretos, as mulheres de Portalegre agradam pelo ar picante, envolvendo a cabeça n'uma mantilha curta, orlada na parte superior de uma renda preta de dous palmos, a qual ou deitam para traz, ou deixam cahir sobre o rosto, velando-lh'o.

A mantilha, de que fallamos, não vá julgar algum leitor propenso a antiguidades que é a mesma de que usavam as nossas avós portuenses, caracterisada por aquelle tradicional alpendre de papelão forrado de lapim com que armavam biôco em volta da cara, e que lh'a defendia contra qualquer beijo eventual que as podesse accommetter no regresso do *terço* resado devotamente na igreja dos Clerigos ou na de S. Nicolau.

A mantilha das mulheres de Portalegre é curta, dá-lhes apenas pela cintura, semelhante á faldetta em que se rebuçam as ardentes filhas de Malta, e com que oram tapam ora descobrem uma das faces, espreitando e frechando com olhares de fogo o viandante desprevenido, do fundo d'aquella penumbra cambiante ao sabor dos movimentos nervosos da mão que ageita a mantilha.

As residencias de alguns particulares são de aspecto magnifico. Compridas frontarias, rasgadas, no andar nobre, de amplas janellas a que se sobrepõem cimalthas e frisos de granito finamente ornamentados, resaltando ao centro dos edificios os braços heraldicos, escadarias de granito — algumas mesmo de marmore com os zimbórios pintados de fresco, cheios de luz, respiram ar monumental, aristocratico.

No bairro alto campeiam alguns dos edificios mais notaveis da cidade, entre estes o palacio episcopal, em parte do qual está accommodado o governo civil, e a Sé, cujo frontispicio é soberbo.

Os pilares e arcarias de granito (algumas infelizmente macarradas de cal); as campas armogerasdas de nobres, de cavalleiros, entre ellas uma, relativamente moderna, do titular e general francez o marquez de Fernay que, diz a inscripção, morreu fiel a Deus

e ao seu rei, campas cujas lapides tapetam as naves; as doze capellas lateraes que ornem o interior do templo, a mais sumptuosa e a maior das quaes foi mandada fazer pelo bispo e notavel escriptor D. frey Amador Arraes; a delicadissima obra da sacristia, toda crespada de relevos, de figuras e de quadros biblicos entalhados em madeiro de téal e pau santo; a riqueza dos paramentos, custosamente bordados e lavrados de ouro, de um peso que ha de dobrar á força a espinha dorsal dos conegos, prebendados, chantres e arciprestes, e fazer marejar as camarinhas de suor na fronte do bispo debaixo da mitra; todo este conjuncto de primores contribuem para tornar summamente interessante a visita á cathedral.

Do lado esquerdo da entrada, sobre o altar de uma das capellas, vê-se um quadrosinho em cobre, a que attribuem subido valor artistico os entendedores. Um inglez offereceu por aquella joia de arte algumas centenas de libras. Felizmente d'esta vez houve a coragem e a isenção bastantes para repe-lir o offerecimento do estrangeiro, que se preparava, aliás com bom direito, para continuar mercantilmente a obra do empobrecimento d'aquelle templo, outr'ora repleto de preciosidades, iniciada com violencia cynica pelos francezes, quando nos invadiram.

Na sumptuosa capella, fabrica de D. frey Amador Arraes, o religioso carmelita, o vernaculo author dos «Dialogos», está enterrado o primeiro bispo na serie chronologica dos de Portalegre, D. Julião de Alves, cujo retrato se mostra na casa do capitulo a par dos demais prelados que successivamente presidiram áquelle episcopado, taes como D. André de Noronha, D. frei Amador Arraes, D. Diogo Correia, sobrinho de D. frei Bartholomeu dos Martyres, D. Rodrigo da Cunha, depois elevado a bispo do Porto e a arcebispo de Braga, D. frei Lopo de Sequeira e D. Ricardo Rultell, D. João Mascarenhas, D. Antonio de Saldanha e muitos outros até os nossos dias.

O convento de S. Bernardo, onde estão o lyceu e o seminario, com o seu duplo claustro, em que as arcarias ogivaeas, os columnellos, as folhagens, griphos, lavores e ornamentações que os recamam, reproduzem o estylo phantastico do seculo XVI, do qual data, encerra uma notavel figura de arte, pela grandeza da fabrica e pelas proporções esculpturaes do vulto em corpo inteiro, de marmore, deitado sobre um amplo sarcophago, tambem de marmore, no desenho dos movimentos da idade média, figura de tamanho natural que representa a D. Jorge de Mello, abbade do Pombeiro e de Alcobaça, bispo da Guarda, fundador d'este mosteiro.

É deveras sumptuosa esta jazida, em que a graça do desenho, o rendilhado dos lavores e accessorios, a vastidão da fabrica e a finura dos ricos marmores de Italia, de que é composta, se combinam harmoniosamente para a revestirem de pouco vulgar magnificencia, realçada pelas louçanias de uma arte elegante, correctá, aprimorada.

Com excepção d'este assomo de opulencia funebre, tudo alli é humilde sob o aspecto da morte. Na craste humida, manchada de nodos verdes de musgo que a afloram atravez do caio das paredes as campas rasas dos monges, puidas do pizo dos passeantes, os emblemas e escudos meio obliterados de fidalgos e personagens desenganam-nos de quaesquer vaidades terrenas.

Como se cabe n'uma cova qualquer! Como todas as pompas da esculptura ficam frias, ridiculas, ante a eloquente e tremenda simplicidade d'essa renovação poderosa que se chama a morte!

Como é emphatico, pretencioso e falso todo esse allégorismo convencional das sepulturas, que se desentranha em myriades de archanjos ajoelhados, de carpideiras inconsolaveis, de guerreiros pendidos sobre urnas, de pyras d'onde irrompem labaredas, de fustes partidos de columnas! Porque ha-de empavezar-se essa tumida rethorica de marmore perante a simplicidade de um facto tão trivial como a mesma vida que se festeja, e para a qual o chamado anniquilamento contribue como impreterivel, merecendo appellidar-se transformação? Pois que é afinal a morte senão uma evolução da vida universal?

Quando sabimos d'aquelle recinto alagado de sombras, cega-nos cá fóra a luz rutilante do sol. Vamos descansar um pouco á sombra das arvores do Passeio — um sitio aprasivel, parte ajardinado, parte disposto em alameda, onde ás tardes se reúne um rancho de senhoras moças, gentis, que ou delineam alli mesmo o passeio que se vai fazer, ou ficam jogando uma partida de *croquet*. Porque, convém que se diga em louvor dos habitos de elegancia das senhoras

de Portalegre, que ellas acclimaram e deram fóros de cidade a essa diversão que desde alguns annos tem sido em Lisboa e nas praias o exercicio predilecto de algumas das mais encantadoras damas e meninas da nossa sociedade. Perdoem-me os venerandos bispos de Portalegre e a sombra austera de D. Jorge de Mello, se de tão piedosos varões vim resvalar para o appetitoso e saltitante *croquet* das senhoras.

Portalegre não tem sómente a nota archeologica e architectural: é uma cidade moderna pela sua laboriosa actividade fabril, attestada em officinas importantes, onde trabalham as machinas mais recentes e aperfeiçoadas. Particularisaremos entre esses estabelecimentos e fabricas de rollas de cortiça de mr. Robinson, um inglez que possuindo ha vinte annos 600,000 réis de capital, desfructa hoje mais de 600 contos de réis, honrosamente adquiridos n'aquelle trafico que tem assumido desenvolvimento prodigioso. A chamada fabrica Real e a de Marçal Larcher & C.^a são estabelecimentos de primeira ordem na cathogoria das fabricas de arte, fatos de lã e de fição.

Pareceu-nos que uma certa corrente de *separatismo* politico divide até certo ponto em Portalegre a boa sociedade, a qual se torna tanto mais attrahente quanto menos raiada de marcos divisorios. Em vez de um grande Club, ha dous pelo menos com as designações partidarias dos socios que os compõem. Em Beja, onde ha fundação de opiniões politicas, funciona um só Club, e esse de primeira ordem, não só pelos bailes sumptuosos que dá, mas pelas condições magnificas de edificio de que o Club é proprietario. Em Evora, onde a politica ferve em cachão, dá-se o mesmo facto, e por isso os frequentamos com muito reconhecimento na nossa digressão. Em Portalegre, a circumstancia mesma de serem forçadamente partidarias as designações de cada um dos clubs, em que a cidade se reparte, não nos deixou gosar, á vontade, dos praseres da sociabilidade que tão amavelmente nos foram offerecidos por membros de ambas as associações que os affectos politicos trazem mal avindos.

Aconselhamos os viajantes que apreciarem um painel grandioso da natureza, a que venham, como nós o fizemos, ao terreiro da sé de Portalegre. Descubre-se d'alli um vasto horisonte de bastantes leguas em que se alternam, sem se atropellarem, cristas de serras, planicies, villas empoleiradas em alturas a branquejarem como grandes caramelos, espinhaços de monte de uma côr azulada e ao longe, no ultimo plano, os perfis das montanhas limitrophes da raia hespanhola. Um bello quadro, amplo, desafogado.

Aos nossos conterraneos do Minho, que se arreceiam — e até certo ponto com razão — da immensa charneca Alentejana, apontaremos como oásis ameno e refrigerante a ridente Portalegre com a sua vegetação e os seus fructos, com as suas aguas deliciosas que derramam frescura, com os olores balsamicos dos seus laranjaes, com as pompas exuberantes de uma natureza fecunda, opulenta, que nos attrahe pelos sorrisos de um permanente e seductor idyllio.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

SANTOS VALENTE

Em 1863 ou 1864, quando o mau séstro de aprendiz de versos me levava a assignar, lá dos recessos da Beira, para as folhas litterarias de Coimbra e Lisboa, decorei muitas estrofes de um poemeto notavel, de que saia um excerpto em cada numero de um jornalzinho de Coimbra, e que, segundo creio, ficou incompleto. Por esta circumstancia e pelo genero do poemeto, lembrava-me elle muitas vezes o *Diablo Mundo* de Espronceda e o *Don Juan* de Byron; e, quando em 1869 assomei á porta ferrea da Universidade, eu pensava ainda n'aquelle poemeto, na *Ermelinda*, e procurava, entre os academicos que passeavam, fumavam e discutiam no *pateo* e na *via latina*, o auctor do poemeto, Santos Valente. Era tarde. Santos Valente tinha-se bacharelado annos antes e desaparecera de Coimbra, ascendendo talvez ás alturas de qualquer Broken social, como *Fausto na noite de Walpurgis*, porque o seu merito lhe dava direito a invejaveis ascensões.

Em 1875, foi-me preciso ir á secretaria do ministerio da jus-

tiça. Um amanuense guiou-me ao gabinete de Thomaz Ribeiro e entrou comigo; folheou alguns papeis e despediu-se de Thomaz Ribeiro que o tratou familiarmente por collega.

Tive a indiscrição de perguntar quem era o amanuense que tinha a fortuna de ser collega do director geral dos negocios da justiça.

Thomaz Ribeiro pronunciou o nome de Santos Valente.

Fiquei aterrado.

E porque não? Na minha ingenuidade provinciana, suppunha eu que um bacharel formado e escriptor de merito poderia ser tudo, menos amanuense de uma secretaria.

Constava-me que na maioria das nações cultas, os individuos, ao terminarem os seus cursos officiaes, tinham diante de si um futuro condigno do seu trabalho e das suas habilitações; mas em Portugal vigoram de ha muito outros principios.

Eu sei que os cursos officiaes não são a unica via que leva ao saber e á conspiciuidade: comprovam-n'o os nomes de Herculano, Rebello, Mendes Leal, Sampaio, e de tantos que apenas ao seu estudo e talento devem o lugar a que subiram na politica, nas letras e na diplomacia; mas tambem sei que as mais pingues prebendas, as funções de mais gravidade e responsabilidade são muitas vezes confiadas aos dilectos da insciencia e aos afilhados da fortuna, com preterição dos homens prestimosos e das capacidades reconhecidas.

Não é milagre por isso o facto de vêr-mos homens de largas habilitações no desempenho de funções humilimas.

Santos Valente é hoje, de ha pouco tempo, official de secretaria; mas a manga de alpaca do modesto amanuense hade, por longos annos, apparecer-lhe em sonhos, como um remorso vivo da patria desnaturada.

E foi talvez aquella manga, funebre como o crepe de uma cça, o que o fez triste, pallido, misantropo.

Raras vezes apparece em publico. Com poucos falla, porque poucos o conhecem e apreciam.

Pois merecia bem que n'elle pensasse-m'os mais.

Alem de prosador correcto e poeta muito recommendavel, é poliglota de raro merito, e conhece a litteratura helenica nas suas fontes, como nós conhecemos Victor Hugo, Espronceda ou Garrett.

Em latim ha d'elle excellentes versos, alguns dos quaes saíram no seu primeiro livro *Primitias*; e, em francez, tenho á mão umas quadras que me parecem dignas de que as firmasse qualquer dos correctissimos e elegantes parnasianos Coppée, Lully, Prud'homme ou Verlaine. São versos escriptos no dia da crise d'uma grave doença em janeiro de 1878, e aqui os dou, convencido de que muitos me agradecerão o brinde:

*Mes amis, bien près de la mort,
J'ai failli entrer tout-à-l'heure
Dans l'epouvantable demeure
D'où personne jamais ne sort.*

*Il semble qu'une main quelconque
Entre deux bords me ballotât.
—Le jeterai-je çà ou là?—
Mais nulle main je ne vis onques*

*Mes amis, le fatal chemin
Ne semble pas chose si laide
Pour qu'on fosse venir en aide
Tante de sainte et tant de latin,*

*Maintenant que je suis en vie
Et que j'ai bien vu le trépas,
Voilà mon mot: Ne croyez pas
Qu'il soit besoin d'y penser mie.*

Digam-lhe que colleccione as suas principaes poesias ou que traga para a luz a *Ermelinda*. Leiam-no depois, se é que o não leram ainda; e, quando elle passar, triste, modesto, com a sua pera e bigode hirsutos, com a sua calvicie prematura, com o seu andar lento e pensativo, hão de por certo descobrir-se porque passa um poeta.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

MADRID

Exposição de Bellas Artes

IV

A pintura decorativa, allegorica, de retratos, flores e natureza morta, não está abundantemente representada na actual exposição. Apenas bem poucos exemplares dignos de menção. Geralmente os hespanhoes não são bons retratistas, especialidade cultivada com superior talento pelos francezes. Carolus Duran, Bonnat, Cabanel, Dubois, Bastian Lessage e muitos outros ainda vivem e não nos deixam mentir.

Os retratistas mais notaveis na exposição são o sr. Lengo com dous solidos retratos, o sr. Roll (francez) com dous bustos soberbos, um o retracto do sr. Leon Conturier, e o outro o de uma senhora, *en plein air*.

O sr. Moreno apresentou um bom retrato de sua filha, que nos faz lembrar alguma cousa Wencker, o laureado discipulo da escola de Paris.

O sr. Pereda tem um bom retrato.

O sr. Leon y Escosura expoz o proprio retrato. Parece-nos ser uma boa pintura.

No certamen ha mais alguns retratos de qualidade inferior e que não julgamos dignos de menção especial.

A representação dos objectos inanimados tem alguns cultores de subido merito, mas rarissimos.

Em primeiro logar figura brilhantemente o sr. Lengo com dois quadros de primeira força, «*Champagne*» e «*Manzanilla*».

Ainda não vimos nada tão bem pintado como estes dois quadros; são duas maravilhas de exactidão e realismo. O sr. Lengo é um pintor photographo quando quer. O nitrato de prata não recebe mais exactamente uma impressão, que a palheta do eminente artista. É um colorista justo, consciencioso na verdadeira acepção da palavra. Os objectos que representa, temos a certeza de os encontrarmos, se os apalparamos.

«*Manzanilla*» é o vinho andaluz que a sevilhana costuma beber entre um *bolero* e uma *malagueña*.

«*Champagne*» é o vinho espumoso que rega copiosamente o *can-can* de Mabilie e Boulrier e tambem anima a cadencia d'uma walsa de Metrá; um, bebe-se nas margens do Guadalquivir, e o outro nas risonhas margens do Sena. A um e outro prestou homenagem o sr. Lengo.

«*Noche-buena*» é uma amalgama de bons petiscos, muito bem pintada pelo sr. Gessa, antigo condiscipulo nosso no atelier Cabanel em Paris.

Sabe modelar lagostas tão bem como Cabanel o seio de uma Venus. É um refinado artista, o sr. Gessa, e pode-se gabar de ser um dos primeiros no seu genero.

Gomar y Gomar, pintor valenciano, apresentou uma paisagem allegorica que intitula «*Terminalia*».

É um campo semeado de thyrsos, pandeiretas, castanholas, fitas, flores, uns restos de bacchanal. No fundo um frondoso arvoredo e por detraz d'elle, só deus Pan sabe o que se passa!

As bonitas pinturas do café de Fornos na rua de Alcalá, foram executadas por este imaginoso artista.

O sr. Sala e Frances enviou uma grande tella, «*Novus-Ortus*» allegoria do Renascimento.

É uma bonita combinação de côres. Em a nossa humilde opinião não acreditamos na seriedade d'esta pintura philosophica. Tem vontade de se alliar á familia de Veronez e Ticiano. Á parte os bons desejos do artista, assim mesmo já é uma tentativa de merito elevado o seu *Novus-Ortus*. As linhas geraes da composição são bonitas e bem combinadas.

Esquecemos mencionar no seu logar competente um bom quadro do sr. Megia, um «*Estudiante de Salamanca*», dando uma serenata não sei a quem.

É muito bem pintado, não lhe podemos fazer outro elogio mais sincero.

(Segue.)

MANLIUS.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

TU CARTA Y TU PENSAMIENTO (*)

Ayer al escribirme, concluías
tu amante carta así:
—«termino hoy pronto, porque voy al templo
para rogar por tí...»

Luégo cerraste tu adorada carta
y al templo fuiste á orar;
ella partió y tu pensamiento al cielo
voló desde el altar.

Así fué como entonces tu alma pura
en dos se dividió;
escrita dirigióse al alma mia,
aérea á Dios voló.

Y una y otra siguiendo su camino
hácia Dios y hácia mí,
cuando llegó tu pensamiento al cielo,
tu carta recibí.

FRANCISCO JAVIER GODO

ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro dos Recreios

ROSALINO, comedia em tres actos, original de Guilherme de Azevedo.

O *Rosalino*, que está fazendo as delicias dos *habitués* dos Recreios, explosindo todas as noutes nas plateias em fortes descargas hilariantes e provando victoriosamente que a gargalhada que estala convulsivamente, agitando os nervos e pondo em evidencia os dentes brancos, encastoados, como perolas, nos beiços escarlates, não é privilegio exclusivo da opera comica, que o espirito, a *verve*, o *lazzi* são tambem susceptiveis de arrancar o bom riso desopilante e sadio, que desavinca as fronte e refrigera as almas; o *Rosalino* está longe de ser uma peça, obedecendo a um plano methodico, cenzurada de deducção em deducção para um fim de antemão preconcebido, por uma serie de effeitos habilmente meditados na penumbra do gabinete, entre os dramas philosophicos de Dumas filho e as comedias realistas de Sardou.

O *Rosalino* de Guilherme de Azevedo não é nada d'isto.

Guilherme de Azevedo, não obstante o seu grande e brilhantissimo talento, não tem a vocação do theatro, o temperamento dramatico, a concepção premeditada do effeito, a optica da situação.

Em troca d'estes elementos indispensaveis a um auctor dramatico, Guilherme de Azevedo possui a *verve* na sua mais scintillante irradiação. O espirito moderno, ironico, *pimpant*, cheio de fases imprevistas, de contrastes inesperados e de anthitheses fortemente coloridas, illumina lhe o estylo com a chamma espiralada, azul e fulva do relampago.

São estes predicados que ressaltam do *Rosalino*, a comedia menos comedia, mas a pagina mais brilhante de espirito que se tem declamado á luz das ribaltas.

No desempenho cabe a menção de honra a Joaquim de Almeida, Calino, Prudhomme, Rosalino, Mr. de La Palisse, toda essa galeria de personagens excéntricos, ingenuamente idiotas; convictamente tolos, prodigos de logares communs e inchados de philautia, encarnou n'este grande actor caracteristico, fundidos em uma figura typica, de um relevo comico inexcédível.

Barbara fez uma romantica deliciosa e vestiu-a com irreprehensivel elegancia.

Luiza Lopes, n'um papel alheio á sua indele, sobresabiu toda-

(*) Publicaremos a primeira traducção que nos fór enviada.

via em uma scena delicadissima, que a actriz interpretou com muita intelligencia. Augusto Antunes excellentemente, dando um grande colorido á declamação do apologo do sapo e das violetas, um dos traços mais originaes e mais scintillantes que destacam entre essa fuzilaria de phrases espirituosas.

Elisa caracterizou habilmente a individualidade da conselheira, desenhada um tanto á *la diable*.

Baptista Machado, Costa, Marcellino Franco conscienciosamente, concorrendo todos para o bom exito da comedia.

DELFIN DE NORONHA.

★ ROSA ESCARLATE

(DE G. TOUDOUZE)

*Et Rose elle a vecu ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin.*

Era n'um valle delicioso das margens do Marne.

Lá ao fundo, n'uma pequenina casa de brancura elegante e fresca, depara-se-nos um espectáculo commovente; ha ali uma mulher moça e formosa, debatendo-se nas convulsões loucas das dôres incomparaveis, que a iam fazer mãe.

Dentro em pouco o seu ultimo gemido de dor terminava, confundindo-se nos vagidos da criança que nascia.

N'este dia, porém, o paraizo era fustigado por um tufão medonho. As flores curvavam a cabeça reccosas da colera do Omnipotente. A ventania furibunda arrancou duas folhas de rosa que eram dois primores, duas *coquilles* transparentes, nacaradas, de um rosado delicado e mimoso, violentamente desprendidas do calix que ficava no seu maravilhoso canteiro, foram levadas n'um turbilhão vertiginoso a'travez da immensidade azul.

Assim arrebatadas, perdidas no infinito, dentro em pouco principiaram a descer, a descer até que já proximas da terra uma brisa suave as levou á janella do quarto da nossa enferma, indo collocar-as nos labios da recém-nascida.

A mãe julgou ver fluctuar esta miragem vernal e adormeceu sorrindo-lhe.

Ao acordar ageitou no seio o pequenino ser estremecido, que recebia n'uma avidéz gulosa o seu leite branco, deliciosamente doce.

Era uma filhinha tão rosada! tão formosa! Adorava-a; as primeiras balbuciações inintelligiveis d'aquelle pequenino ente echoavam no seu coração de mãe, como sons ternamente harmoniosos.

Pôz-lhe um nome sympathico, — Rosina.

A pequenita cresceu, brincava, fallava já e a mãe escutava-a então enlevada, presa de um indivisivel arrebatamento, julgando que uma musica divina sabia d'aquelles labios adoravelmente vermelhos, acompanhada da expressão meiga de uns grandes olhos azues, limpidos e claros como um reflexo do céu.

Pobre mãe! A Providencia enviou-lhe tres mezes depois da sua vivez aquelle raio de esperanza a consolal-a, a seccar-lhe pouco a pouco as suas lagrimas de luctuosa saudade.

O marido legara-lhe uma fortuna não avultada, mas perfeitamente compativel com o seu viver modesto e simples. Accommodara-se pois sem sacrificio a uma existencia tranquilla n'aquelle sitio afastado.

Em volta da casa grandes arvoredos cheios de sombra e de relva luxuriante, formavam no estio um ninho solitario, delicioso de paz e de frescura. Diante das janellas o jardimzinho tomava o aspecto de um agafate cheio de rosas. Logo em baixo as aguas do Marne murmuravam alegremente, pondo uma nota ruidosa no socego das arvores e das flores.

Rosina crescia no meio d'esta vegetação luxuosa que a impregnava das suas bellezas, communicando-lhe um encanto soberano, pondo-lhe um attractivo invencivel, dando-lhe um aroma fresco de flor perfumada, uma especie de fascinação que envolvia o corpo fazendo palpitar o coração e inebriar a alma. O seu olhar tinha a irradiação casta e diamantina das estrellas, possuia o quer que fosse de mysterioso, e desconhecido que perturbava o cerebro sem contudo lhe pôr sensações impuras.

O desenho angelico dos labios, a sua frescura de rosa desabro-

chada, fazia sonhar com o paraizo e afastava todo o pensamento peccaminoso.

Aos dezoito annos passava por um modelo não só de graça e belleza, como de virtudes. Suavisava todas as miserias, consolava todos os corações, recebendo em troca mil bençãos cheias de affecto. Trajava quasi sempre um vestido branco, onde fluctuava uma fita côr de rosa; este vestuario simples e casto completava a illusão dos pobres que teimavam em adoral-a como sancta.

Uma tarde Rosina levava soccorros a uns infelizes que viviam n'uma cabana do outro lado da villa. No caminho, passando juncto de uma porta conhecida sentiu que a chamavam. Voltou-se, perguntou o que lhe queriam e entrou toda alegre, com um bello riso nos labios e um fulgor divino nos seus olhos azues.

—Quero apresentar-te meu filho que vem passar um mez comigo, disse dentro a voz de uma antiga amiga da mãe de Rosina. Atraz da velha senhora apumava-se um joven official de rosto intelligente e audaz, que saudou a recém chegada com emoção.

—Não me conhece, Rosina? Já se não lembra de mim? disse elle com gentilleza.

—Oh! é o Carlos! Senhor Carlos.

E como que envergonhada d'este primeiro movimento ingenuo, d'esta involuntaria expansão, Rosina sentiu que um rubor pudico a purpurisava.

Verdade é que elle tinha sido seu companheiro de infancia, seu camarada nos brinquedos d'outro tempo, mas já lá iam tantos annos sem o ver!

—Está um homem, murmurou ella por fim muito perturbada, baixando a vista sob o olhar do official.

—Apesar d'isso, sou sempre o mesmo Carlos, o mesmo velho amigo que a deixou uma criança traquina, e vem enconral-a hoje uma senhora esplendidamente formosa!

Ella não soube responder. Os seus olhos, depois de se deterem por um instante nos de Carlos, afastaram-se perturbados. Era a primeira vez que a presença de um homem a agitava.

—Não posso demorar-me, os meus pobres esperam-me, adeus, apressou-se ella a dizer, fugindo assim ao enleio em que estava.

Pelo caminho o seu pensamento occupou-se muito do moço official. Será desnecessario dizer que elle pela sua parte não pensou menos na sua companheira de infancia.

D'ahi por diante Carlos era assiduo em casa de Rosina, amava-a perdidamente, a sua alma não podia já passar um só dia sem ir espelhar-se nos olhos azues d'aquelle anjo. O mez terminou e elle não se animava a partir.

Fizeram-se pedidos, metteram-se empenhos e a licença prolongou-se. Ficava pois mais algum tempo em Marne, ao pé d'ella, fallando-lhe, vendo-a todos os dias como até ahí. Que ventura!

A paixão de Carlos augmentava, tomava proporções assustadoras de uma ardencia vulcanica.

Era preciso declarar-se.

Pensou, reflectiu na sua resolução e uma tarde em que a mãe de Rosina trabalhava, sentada no jardim, dispoz-se a fallar.

Explicou o seu fim, expoz o estado do seu coração e terminou com esta pergunta de uma doçura ingenua:

—Quer pois ser minha mãe?

—Se Rosina consente! fez ella sorrindo.

A pobre mãe sentia os progressos d'uma doença terrivel minar-lhe a vida, imprimindo-lhe já no rosto como que um sello de morte.

A lembrança de que a filha ia ficar amparada e feliz dava-lhe agora á phisionomia uma expressão desusada de alegria intima.

Carlos correu a procurar Rosina que se achava no fundo do jardim entretida com um tableiro de flores. Approximou-se d'ella tremulo, commovido.

—Querida Rosina, disse, consente que sem sermos irmãos chamemos mãe á mesma pessoa? Depende de si, falle!

Ella purpurisou-se e baixou as palpebras com uma indefenivel expressão de prazer e timidez. Depois, enquanto Carlos se apoderava carinhosamente de uma das suas mãos, colheu com a outra uma rosa e deu-lh'a. Era um signal de assentimento. Carlos inebriado de alegria, louco de amor, hia proferir mil nadas apaixonados, não teve porém tempo.

—Até logo, apressou-se Rosina a dizer, sorrindo-lhe e correndo para junto da mãe.

Oito dias depois, uma terrível desgraça feria aquelles dois corações. A viuva M... succumbia aos seus padecimentos incuráveis e expirava docemente nos braços da filha. Carlos, pallido, aterrado, assistia a esta agonia, promettendo de joelhos á cabeceira da moribunda que seria o amparo de Rosina.

O lucto invadiu pois a pequena habitação e descoloriu os labios da infeliz criança.

Por este tempo ruidos inquietadores corriam agitando o paiz e semeando por toda a parte um terror vago.

O official tinha apprehensões dolorosas, presentia uma desgraça, alguma cousa de terrível, ameaçando a sua felicidade, ferindo Rosina, cahindo sobre elle e sobre todos. Com effeito, ainda as rosas depositadas piedosamente na campa de M... não tinham tido tempo de emurchecer, quando a guerra sacudiu sobre todas as cabeças o seu facho chammejante.

Carlos immediatamente chamado ao exercito, devia partir para a fronteira. Rosina sentiu que tudo desabava em volta de si. Teve um presentimento do futuro e tremeu por si e por elle.

A separação dos dois noivos foi dolorosa, de uma agonia despedaçadora. Não havia remedio; Carlos beijou-a e partiu. Ao longe dizia ainda adeus com o lenço; contornou um pinhal, appareceu do outro lado, acenando sempre.

Rosina seguia-o com a vista, anciosa, semi-morta, acreditando na voz intima que lhe segredava ser aquella a ultima vez que o via. Quando Carlos desapareceu totalmente n'uma curva do valle, Rosina cahiu desmaiada.

Nas primeiras semanas receberam-se bastantes novas do moço official. Tinha-se distinguido em todos os combates; fôra nomeado capitão e condecorado. Bem depressa, porém; as noticias cessaram.

A noiva e a mãe de Carlos viviam em angustias mortaes, o ruido da batalha chegava-lhe como echos longiquos de ameaças funebres.

Que seria feito do moço official? Estaria morto, ferido ou somente prisioneiro?

Rosina preadivinhava nos seus trajos negros, um duplo lucto e chorava sem communicar á mãe de Carlos os seus receios.

Uma tarde, appareceu na villa um militar com o uniforme roto e a cabeça rodeada de uma tira de pano. Vinha de longe e parecia extenuado de fadiga, todavia não quiz repousar nem tomar cousa alguma antes de cumprir a missão de que vinha encarregado.

Ninguem ousava interrogar-o porque todos tinham parentes e amigos no exercito; o receio de uma nova triste opprimia todos os corações.

O militar, porém, atravessou a villa e não se deteve, chegou ao extremo e continuou ainda a caminhar, parando enfim deante da casa de Rosina.

Se bem que era um homem eudurecido, crestado pela polvora, habituado ás desgraças da guerra, todavia hesitava em bater, tinha medo do que ia annunciar.

Era, porém necessario decidir-se. Fez resoar os passos na entrada da porta e bateu.

Rosina veio logo. Pallida, tremula, com os olhos dilatados por um receio indezível, dirigiu-se ao militar com os labios desbotados e as mãos supplicantes.

— Carlos! Traz-me noticias de Carlos?!

— Meu filho vive? perguntou a mãe, que seguia Rosina, vive, não é verdade? Oh! diga-me, diga-me que elle vive.

O soldado velou os olhos com uma das suas crestadas mãos e com a outra tirou da fardeta uma carteira que entregou a Rosina; esta abriu-a convulsivamente e soltando um grito afflicto, cahiu sem sentidos no pavimento. A sua companheira horrorizada levantou o objecto cahido; era uma rosa murcha com as folhas tintas de sangue.

— Morto! gritou ella. Meu filho, meu queri... e os soluços embargaram-lhe a voz, não lhe deixando concluir a frase.

O militar conservava-se mudo diante d'esta scena de acerba dôr; grossas lagrimas saltaram-lhe dos olhos, deslizando pelas faces até se esconderem no seu pardo e hirsuto bigode. Depois, ajudando a infeliz mãe, a soccorrer Rosina, deu alguns detalhes sobre o morto.

Era seu capitão. Uma balla tinha-o ferido em pleno peito quando formava os soldados. Sentindo que ia morrer, fez jurar ao velho militar que viria ao fundo da villa de... entregar aquella carteira á sua noiva, de quem proferiu o nome morrendo.

Quando Rosina recuperou os sentidos, os seus labios tão rosados outr'ora ficaram como uma pallidez transparente; o seu rosto, porém, denunciava uma resolução inabalavel e os olhos tinham um fulgor desusado.

— Agora tenho de abandonal-a minha mãe, devo partir.

— Que dizes, Rosina a dôr perturba-te a razão!

— Engana-se. É firme e serena a minha deliberação; não poderei permanecer aqui. Quero tornar a ver Carlos e para merecer reunir-me a elle vou cuidar dos feridos e consolar os moribundos. Consinta que eu seja irmã de caridade e em cada infeliz a quem eu suavise os soffrimentos acreditarei achar o nosso Carlos.

A pobre velha não achou resposta, reconheceu tudo o que esta determinação tinha de sublime se bem que lhe custasse tão penosa separação.

Depois de uma ultima visita ao tumulo da mãe, e em seguida aos ultimos adeuses a tudo que amava, Rosina envolveu-se nos seus véos de luto e partiu para o sitio onde o combate era mais forte, onde a pejeia tinha deixado mais feridos.

.....
A tarde esmaecia. O sol prestes a esconder-se afogueava com o seu clarão avermelhado os bosques cobertos de neve. O canhão tinha ribombado todo o dia augmentando o ruido lugubre do espingardeamento. Era tarde de batalha. Na aldeia, ao longo dos muros, sobre as collinas, no meio dos campos e das planícies cobertas de gelo, os cadaveres, os moribundos, os feridos jaziam ás centenas e o sangue corria fumegante, pondo nodos monstruosas na brancura da neve. Um pallido crepusculo illuminava ainda esta scena antes que as sombras da noite viessem confundir tudo na sua escuridão uniforme e terrível.

Por entre os cadaveres de tanta criança morta na flor da vida, passava um vulto vestido de negro: era uma irmã da caridade.

Gemidos dolorosos saíram então de uma trincheira proxima; ella aproximou-se rapidamente do ferido que avermelhava o chão com o seu sangue, soltando queixas inarticuladas. Era um official prostrado por um estilhaço de obuz. A mulher inclinou-se para elle e passando-lhe docemente o braço em volta da cabeça levantou-o um pouco para lhe fazer beber um cordial.

O ferido abriu os olhos e ao reconhecer a pessoa que o amparava, desenhou-se-lhe nas feições um sentimento de estranha admiração e de felicidade extatica.

— Até ao céu, até ao céu! disse, expirando suavemente nos braços de Rosina. Exactamente n'este momento um clarão subito illuminou a orla do bosque e uma balla veio feril-a em pleno peito.

— Carlos! exclamou a pobre Rosina caindo.

Uma alegria divina illuminou o seu rosto como um ultimo e fugitivo signal de vida; depois uma gotta de sangue alastrou, tingindo de um vermelho purpurino os seus labios desbotados e expirou.

N'esse dia um novo tufão levou ao paraíso as duas folhas de rosa, mas tinham mudado de côr; quando, porém, tomaram o seu logar no jardim celestial, reunindo-se ao calice da flor d'onde tinham sido arrebatadas, esta converteu-se em uma esplendida rosa escarlate.

Existencias ha que atravessam esta vida com a presteza celere das duas folhinhas, voltando rapidamente a procurarem no céu o edem celestial d'onde violentamente tinham sido arrancadas.

E. C.

HISTORIA NATURAL DE RELANCE

Os vampiros do verão

É chegada a epocha em que geralmente os habitantes das cidades procuram no campo o repouso das suas fadigas. Respirar o ar puro, debaixo de sombras cheias de frescura, nas margens deliciosas d'um arroio murmurante, é um sonho longo tempo acariciado e que se realisa com uma legitima alegria.

Porém, como n'este mundo não ha felicidade perfeita, existe aqui para completar o fundo do quadro, o sombreado escuro produ-

zido pelas inquietações que atravessam ainda que momentaneamente este descansaço tão descuidoso e calmo.

Justamente n'este momento gyra na herva um inimigo invisivel, um insecto ou pelo menos alguma cousa que se lhe approxima, é o pequenino animal que os zoologistas classificam entre os arachnides e ligam ao genero *thrombidion*. Os *thrombidions*—do grego *thrombódês*, que tem a forma de pião—vivem como parasitas sobre as plantas e possuem na primeira idade seis pernas, adquirindo depois mais duas e vivendo então em completa liberdade. É a este grupo que pertence o pequenino animal que na proximidade do outomno é vulgarmente chamado entre os francezes o *rouget d'automne*. É a larva do *thrombidion* outomnal. O seu corpo é molle, d'um vermelho escarlata, coberto de pellos e tem justamente as dimensões da phylloxera, isto é, um decimo de milimetro de comprimento. Possui seis grandes pernas, terminadas por dois vigorosos ganchos.

Estes ruivos vivem como parasitas sobre certas gramineas e nos nossos taboleiros de relva, apparecendo de julho a setembro.

Quando no campo descansamos sobre a herva, n'uma despreocupação preguiçosa, vemos caminhar sobre nós esta praga terrivel, espalhando-se rapida e abundantemente sobre os nossos vestidos até irem firmar-se com vigor na nossa pelle. Todas as suas pernas e unhas se põem em movimento na occasião em que o chupador principia a penetrar a victima, occasionando-lhe uma inflammação fortissima. As partes picadas tornam-se o centro d'uma inchação mais ou menos volumosa, cheia de pintas rubras muito vivas. Sente-se então uma comichão abrasadora, insoffrivel e as pessoas feridas, coçando-se com phrenesi, formam verdadeiras chagas.

Para acalmar este prurido aconselhamos as lavagens avinagradas ou com alcool; outros dizem com agua salgada, com rhum e com agua-ardeite, todavia estes remedios nem sempre produzem os resultados efficazes que se esperam.

Tem-se ao menos a pequena consolação de que estes animaes não podem viver e reproduzir-se na pelle humana como o *sarcopte* da sarna. O seu ataque é apenas passageiro, contudo acontece ás vezes renovar-se sem cessar, nas mesmas condições.

Nos arredores de Paris existem certas casas de campo onde os jardins em vez de serem um recinto aprazivel, são uma tortura insupportavel, tão infestados estão por estes devoradores bichinhos vermelhos.

O vulgar mosquito é igualmente um animal muito incommodo, muito trivial, bem conhecido e terrivelmente ávido do nosso sangue. Pollula á beira das aguas, á superficie das quaes depõe os seus ovos. A presença dos mosquitos na visinhança das aguas provém de que as suas larvas são aquaticas, facto este que se observa durante o estio nas aguas estagnadas onde ellas formigam abundantemente; são então conhecidas sob o nome de verme do lodo, depois a chrysalida que procede da larva fluctua á superficie da agua até que o insecto concluindo completamente a sua metamorphose se serve dos seus despojos de nympha como d'um batel, esperando até que as pernas e azas lhe adquiram a solidez necessaria para andar sobre a agua.

As suas metamorphoses operam-se no espaço de tres a quatro semanas.

Os mosquitos nascem pois como Venus, do seio das aguas.

Estes pequenos insectos chegam a sete gerações no mesmo anno e a femea põe trezentos ovos de cada vez; felizmente as andorinhas e os peixes destroem-lhe grande numero d'elles.

Os mosquitos refugiam-se em logares sombrios, fugindo á luz viva do sol que lhes não agrada.

Á noute volteiam em numerosas *troupes* e annunciam-se quasi sempre por um zunido agudo.

Não é raro ao entrarmos de noite nos nossos quartos, encontrar as femeas concluindo ali a postura dos seus ovos.

Para se repastarem com o nosso sangue principiam por abri-los a pelle com as sedas finas e denticuladas do seu ferrão, depondo em troca na ferida uma saliva irritante, verdadeiro liquido venenoso que produz uma vermelhidão mais ou menos viva, inchação e comichões atrozes. Aconselha-se contras estas picadas os mesmos meios usados contra as mordeduras dos ruivos, podendo juntar-se-lhe a cauterisação com acido phenico,—acido phenico crystallisado, 9 partes; alcool, 1 parte—esta cauterisação sem dor, tem a vantagem de neutralisar a peçonha do mosquito; applica-se sempre

com resultado não só n'este caso como em todas as picadas ou mordeduras venenosas.

Os insectos podem causar ainda outros accidentes mais inquietadores, introduzindo-se por exemplo no tubo d'um ouvido.

Conta o doutor Delpeuch que uma criança de tres annos brincava n'um jardim onde havia muitas açucenas, que são as flores predilectas dos escarvelhos; a creança apertou na mão um d'estes insectos e maravilhada do ruido que sentia, aproximou-o do ouvido; em seguida o bichinho internou-se no canal auditivo. Sobrevieram-lhe immediatamente, convulsões, movimentos desordenados, gritos agudos, aos quaes o Dr. Delpeuch poz fim asphyxiando o insecto com uma bola de algodão embebida em tres ou quatro gottas de chloroformio.

Narra tambem o Dr. Lepine o caso d'uma criança que deitada no campo sentio penetrar-lhe uma aranha n'um ouvido, occasionando-lhe dores violentissimas, só terminadas pela extracção da aranha com uma pinça.

Os insectos alados produzem frequentemente estes incidentes.

O Dr. Theobald, cirurgião em Baltimore, diz ter tratado uma criança que havia tempo soffria d'um fluxo purulento nos dous ouvidos; dando-lhe, porém, umas injeccões d'agua tepida fez expellir de cada um uma grande quantidade de puz, onde vinham envoltos os cadaveres de duas moscas que havia mezes ali perfuravam o tympano da pobre criança.

Podem causar as mesmas dores as larvas que a mosca tinha deposto no ouvido.

O professor Nathan Smith lembra um caso d'este genero succedido a um homem que soffreu por este motivo dores tão fortes que o tornaram verdadeiramente furioso até se lhe applicar o curativo.

De outra vez conta ter-se introduzido uma abelha no ouvido de um homem que passeava tranquillamente no seu jardim. O infeliz foi immediatamente tomado d'um tal accesso de phrenesi e de excitação, que não poude logo explicar o que lhe succedera, chegando a suppor-se que tivesse repentinamente perdido a razão.

Terminemos recordando com o Dr. Deriviere, aquelle pobre camponez que passou muito tempo sem dormir por effeito d'uma borboleta n'um ouvido.

É principalmente pelo movimento agitado das azas e das pernas sobre a membrana do tympano que as borboletas produzem sensações tão dolorosas. Quando a sua extracção não seja facil com uma pinça, pode fazer-se terminar o mal asphyxiando o insecto; para isso far-se-lhe deitar o padecente sobre o lado da cabeça opposto ao ouvido atacado, e introduz-se n'este, agua, azeite ou outro qualquer liquido, escolhendo-se de preferencia os liquidos grossos e viscosos; o insecto assim afogado restitue immediatamente á natureza o seu pequenino ser de que tão mau uso fizera.

HEITOR JORGE.

RUMORES DOS PALCOS

Antuerpia celebrou um grande festival em honra de Liszt. Assistiram quatro mil pessoas, que applaudiram freneticamente a *Missa solemne* de Liszt, a *Dança Macabra* e a *Meditação sobre Lamartine*. Depois da execução da Missa, o burgomestre convidou o maestro a inscrever o seu nome no livro de oiro.

*

* *

Sobe hoje á scena no theatre do Principe Real a opera comica em 3 actos, *O sino do ermiterio*, traducção da festejada zarzuela *La Campana del ermita*.

Os principaes papeis serão desempenhados pela eminente áctriz Esther e pela actriz Eugénia e actores Ribeiro, Pereira e Correia. A musica, de Alvarenga, é encantadora. A guarda roupa é de Carlos Cohen.

*

* *

Vão começar no theatre de D. Maria os ensaios do drama *Mocidade de Mirabeau*, traducção de Ferreira de Mesquita.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do «Centro Commercial» enviam para qualquer destino a troco de estampilhas ou valles do correio, luvas aromatizadas manipuladas da melhor pellica estrangeira e nacional. O preço d'esta, tendo 4 botões para senhora e 2 as de cavalheiro, são 500 réis!!

Em Portugal nunca se usou boa luva tão barata, attendendo á superior qualidade como é a luva aromatizada do «Centro,» rua Aurea, 120 e 122.

Tambem ha de outras luvas para todos os preços, assim como magnificos objectos para presentes.

O «Centro» é a casa da moda.

PORTUGAL DE RELANCE

PREFACIO DA TRADUÇÃO PORTUGUEZA

Primeira, unica e ultima resposta da auctora aos criticos do seu livro

Um volume em 8.º, preço 200 réis.

Acha-se desde já á venda na Livraria Zeferino, editora, 87, Rua dos Fanqueiros, Lisboa.

Remette-se franco de porte pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas de 25 réis.

TABACARIA NEVES

TEM UM VARIADO SORTIMENTO DE TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

VINHOS ENGARRAFADOS

FLORES E ARTIGOS DE CORTIÇA

42, PRAÇA DE D. PEDRO, 42

Vende varios jornaes e entre outros as

Ribaltas e Gambiarras

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer ponto da Italia.

EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto luxuosamente impresso e muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre..... 2\$280 Semestre..... 4\$560 Anno..... 9\$120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S. Bento, n.º 216.

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECCÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

Á venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas

PREÇO 240 RÉIS

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA DE TINTURARIA A VAPOR

14, LARGO DA ANNUNCIADA, 16

420, Rua de S. Bento, 420

LISBOA

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero.....	20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura	
Lisboa Assignatura de 25 numeros.....	500	de 25 numeros...	2\$000 réis
Assigna-se na Livraria Zeferino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.		Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—95, Rua dos Ourives, 95.	

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 24.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos historicos, objectos artisticos e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR

ESCRIPORIO

DIRECTOR

Christovão X. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º X. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal	Trimestre 900	Semestre 1\$800	Brazil	Semestre.....	6\$000
	Anno.....	3\$600		Anno.....	12\$000

TABACARIA HAVANEZA

RUA DE S. BENTO

Vende as **RIBALTAS**